

# MICRÔMEGAS

VOLTAIRE

## HISTÓRIA FILOSÓFICA

Micrômegas muito deve a Swift e às viagens de Gulliver, mas o “humor” francês é mais pessoal e menos impassível que o inglês. O viajante de Sírio é na verdade o próprio Voltaire, isto é, o espírito que muito do alto domina as tolices e as loucuras dos homens.

### CAPÍTULO I

#### VIAGEM DE UM HABITANTE DE SÍRIO AO PLANETA SATURNO

Em um dos planetas que giram em torno de Sírio vivia um jovem de muitos dotes, que tive a ventura de conhecer na última viagem que fez ao nosso pequeno formigueiro; chamava-se Micrômegas, nome que admiravelmente convém a todos os grandes. Tinha oito léguas de altura, bem entendido, léguas de vinte e quatro mil passos geométricos, de cinco pés cada um.

Os matemáticos, gente sempre útil ao público, tomarão imediatamente duma pena e calcularão que, tendo o senhor Micrômegas, habitante de Sírio, da cabeça aos pés, vinte e quatro mil passos, que dão cento e vinte mil pés reais, e que nós, outros cidadãos da Terra, não temos mais de cinco pés, e que nosso globo tem nove mil léguas de circunferência, calcularão, dizíamos, que o globo que o produziu deve ter vinte e um milhões e seiscentas mil vezes mais de circunferência que a nossa pequena Terra. Nada mais simples e mais comum na natureza. Os Estados de alguns soberanos da Alemanha ou da Itália, que se podem rodear em meia hora, comparados aos impérios da Turquia, da Moscóvia, ou da China, são uma fraca imagem das prodigiosas diferenças que a natureza põe nos diversos seres.

Sendo a altura de Sua Excelência aquela que já mencionei, todos os escultores e pintores concordarão sem dificuldade em que a sua cintura pode ter uns cinqüenta mil pés reais, o que significa, aliás, que é bem proporcionado o nosso herói.

Quanto ao seu espírito, é um dos mais cultos que temos; sabe muita coisa; descobriu algumas: não contava ainda duzentos e cinqüenta anos e estudava, segundo o costume, no colégio jesuíta do seu planeta, quando adivinhou só pela força do seu espírito mais de cinqüenta proposições de Euclides; vantagem, pois, de mais de dezoito, sobre Blaise Pascal que, ao que diz sua irmã, adivinhou trinta e duas, depois do que veio a ser medíocre geômetra e péssimo metafísico. Quando tinha uns quatrocentos e cinqüenta anos, ao sair da infância, dissecou muitos desses pequenos insetos que não chegam a ter cem pés de diâmetro e que escapam aos

microscópios ordinários; escreveu a respeito um livro curiosíssimo que lhe custou, porém, alguns aborrecimentos. O mufti de sua terra, bisbilhoteiro muito ignorante, achou em seu livro umas proposições suspeitas, pouco conformes, temerárias, heréticas, e perseguiu-o fortemente; tratava-se de saber se a forma substancial das pulgas de Sírio era da mesma natureza que a dos caramujos. Micrômegas defendeu-se com inteligência; teve a habilidade de pôr as mulheres do seu lado; o processo durou duzentos e vinte anos; afinal o mufti conseguiu que o livro fosse condenado por juriconsultos que nem o tinham lido, e o autor teve ordem de não aparecer na côrte durante oitocentos anos.

Incomodou-se mediocrementemente de ter sido expulso duma côrte que só se ocupava de cavilações e mesquinhas. Fez uma canção muito engraçada contra o mufti que também não se importou; pôs-se então a viajar de planeta em planeta, para completar sua educação de espírito e de coração, como se costuma dizer. Os que só viajam de sege ou de berlinda ficarão sem dúvida admirados dos meios de locomoção lá de cima; porque nós que vivemos sobre este pequeno monte de lama não concebemos nada fora de nossos usos. Nosso viajante conhecia maravilhosamente as leis da gravitação e todas as forças atrativas e repulsivas; e servia-se delas tão bem que, ora com o auxílio de um raio de Sol, ora servindo-se de um cometa, ia de globo em globo, ele e os seus, como os pássaros esvoaçando de galho em galho. Percorreu a Via-Láctea em pouco tempo, e sou obrigado a confessar que jamais viu, através das estrelas de que ela se compõe, o belo Céu, o empíreo, que o ilustre vigário Derham, se gaba de ter visto pela sua luneta. Não que eu pretenda insinuar que o doutor Derham se tenha enganado. Longe de mim tal idéia. Mas Micrômegas estava no local e é um bom observador. Entretanto não quero contradizer ninguém. Depois de uma porção de giros, Micrômegas chegou ao planeta Saturno. Apesar de estar bem afeito a deparar coisas novas, ao ver a pequenez do globo e de seus habitantes não pôde conter esse sorriso de superioridade que escapa às vezes até aos mais ponderados; porque enfim Saturno não é senão novecentas vezes mais volumoso que a Terra, e os habitantes do país são anões que não têm mais de mil toesas de altura. Ele caçou um pouco da gente dessa Terra, mais ou menos como fazem os músicos Italianos que se põem a rir quando ouvem na França a música de Lulli. Mas como o habitante de Sírio tinha um espírito são, compreendeu que um ser pensante pode muito bem não ser ridículo, apesar de não ter mais de seis mil de alto. Familiarizou-se os saturninos, depois de ter produzido um certo espanto sobre eles. Ligou-se de estreita amizade com o secretário da Academia de Saturno, homem muito inteligente que na verdade nada tinha inventado, mas que dava excelentes explicações das invenções dos outros e fazia, sofrivelmente, pequenos versos e grandes cálculos. Relato aqui, para satisfação dos leitores, uma singular conversa que Micrômegas teve um dia com o senhor secretário.

## CAPÍTULO II

### CONVERSAÇÃO DO HABITANTE DE SÍRIO COM O DE SATURNO

Sua Excelência reclinou-se e o secretário aproximou-se então do seu rosto. “É preciso confessar, disse Micrômegas, que a natureza é bem variada. - Sim, disse

o de Saturno, a natureza é como um canteiro cujas flores... - Ah! disse o outro, não me fale em canteiros de flores. A natureza é então, continuou o secretário, como uma reunião de louras e morenas cujos adornos... Chi! a que é que vem agora as morenas? disse o outro. Pode-se então comparar a uma galeria de pinturas cujos traços... - Oh! não! respondeu o viajante, digo-lhe de uma vez por todas que a natureza é como a natureza, Por que procurar-lhe comparações? - Para agradá-lo, respondeu o secretário. - Não quero que me agradem, ajuntou o viajante; quero que me instruam; comece por dizer-me, primeiro, quantos sentidos têm os homens do seu planeta. - Temos setenta e dois, disse o acadêmico e vivemos a lamentar que sejam tão poucos. Nossa imaginação ultrapassa as nossas necessidades; parece-nos que com nossos setenta e dois sentidos, nosso anel, nossas cinco Luas, somos ainda muito limitados e, apesar de nossa curiosidade e do grande número de paixões que resultam dos nossos setenta e dois sentidos, vivemos mergulhados em contínuo tédio. Compreendo muito bem isso, respondeu Micrômegas; porque em nossa esfera temos nós quase mil sentidos; e apesar disso vivemos dominados não sei por que vagos desejos, uma espécie de inquietação que pesa sobre nós e nos adverte sem cessar de que somos pouca coisa e há seres muito mais perfeitos. Tenho viajado um pouco; tenho visto mortais que estão muito abaixo de nós; vi outros superiores; mas não encontrei nenhum que não tenha mais desejo do que verdadeiras necessidades, e mais necessidades do que satisfações. Conheceri talvez um dia um país onde nada falte, mas até hoje ninguém me deu notícias dele”. O saturnino e o habitante de Sírio estenderam-se então em conjecturas; mas depois de muitas reflexões engenhosas e incertas tiveram de voltar aos fatos. “Qual a extensão da vida aqui? perguntou o de Sírio. - Ah! bem pouco, replicou o homenzinho de Saturno. É então como é minha Terra, disse o outro: sempre nos queixamos de exigüidade dos nossos dias. Talvez se trate de uma lei universal da natureza. - Ai de nós! disse o saturnino, não vivemos mais de quinhentas grandes revoluções do Sol (o que dá mais ou menos quinze mil anos, a contar ao nosso modo). É a morte que chega quase na mesma hora em que nascemos; nossa existência é um ponto, nossa duração um instante, nosso globo um átomo. Apenas começou a gente a instruir-se vem a morte e nos arrebatava antes de podermos ganhar experiências. Eu por mim desisto de fazer qualquer plano, sinto-me como uma gota de água no oceano imenso. Envergonho-me, sobretudo diante do senhor, da figura ridícula que faço neste mundo em que vivo”.

Micrômegas retrucou-lhe: “Se o senhor não fosse filósofo recearia causar-lhe desgosto informando que em nossa esfera a vida é setecentas vezes mais longa; mas o senhor sabe que quando é necessário entregar o corpo aos elementos e reanimar a natureza sob uma outra forma (isso a que chamam morte), quando chega o momento da metamorfose - ter vivido uma eternidade ou apenas um dia é precisamente a mesma coisa. Estive em países onde se vive mil vezes mais do que no meu, e vi que também lá havia as mesmas queixas. Mas há todavia gente sensata que sabe tomar as coisas à boa parte e agradecer ao autor da natureza. Ele espalhou no universo uma profusão de variedades com uma certa uniformidade que é admirável. Por exemplo, todos os seres pensantes são diferentes, e entretanto no fundo todos se assemelham pelo dom do pensamento e pelos desejos. A matéria é extensa em

toda parte; mas em cada globo tem propriedades diversas. Quantas propriedades diversas têm a matéria deste planeta? - Se o senhor se refere, disse o de Saturno, às propriedades sem as quais, ao que se pensa, nosso globo não poderia subsistir, são trezentas, tais como a extensão, a impenetrabilidade, a mobilidade, a gravitação, a divisibilidade, etc. - É visível que aos olhos do Criador um pequeno número era suficiente aos planos que tinha em referência a esta pequena habitação. Admiro em tudo a sua sabedoria; em toda a parte há diferenças, mas sempre há proporção. Este globo é pequeno, mas seus habitantes também o são; estes têm poucas sensações, mas também a matéria tem poucas propriedades: em tudo se encontra a Providência. De que côr é o Sol aqui, quando cuidadosamente examinado? - De um branco forte amarelado, disse o saturnino; e quando dividimos os seus raios verificamos que têm sete cores. - Nosso Sol, disse o de Sírio, é avermelhado, e temos trinta e nove cores primitivas. Não há um único Sol, entre os que pude ver de mais perto, que se pareça com outro, assim como não há entre os habitantes deste país um só que não seja diferente de todos os outros.

Depois de muitas perguntas dessa natureza, informou-se do número de substâncias essencialmente diferentes que se contavam em Saturno. Soube que não passavam de umas trinta, como Deus, o espaço, a matéria, os seres extensos que sentem e pensam, os seres pensantes que não têm extensão, os que se penetram, os que se não penetram, etc. O de Sírio, em cuja esfera se contavam trezentas, e que havia descoberto três mil em suas viagens, espantou prodigiosamente o filósofo de Saturno. Enfim depois de terem transmitido um ao outro um pouco do que sabiam e muito do que não sabiam, depois de terem trocado idéias durante uma revolução do Sol resolveram fazer uma pequena viagem filosófica.

### CAPÍTULO III

#### VIAGEM DOS DOIS HABITANTES DE SÍRIO E DE SATURNO

Os dois filósofos estavam prontos para embarcar na atmosfera de Saturno, providos de uma bonita coleção de instrumentos matemáticos, quando a amante do saturnino, tendo sabido do que se passava, acorreu em lágrimas a fazer sem protestos. Era uma bonita moreninha, que não tinha mais de seiscentos e sessenta toesas, mas que compensava com outros atrativos a exigüidade de sua altura. “Ah! Cruel! exclamava ela, depois de ter resistido durante mil e quinhentos anos, agora que eu começava a ceder, agora, com apenas cem anos em que vivo nos teus braços, tu me abandonas para viajar com um gigante do outro mundo! Vai-te, não passas de um curioso, jamais conhecestes o amor; se fosses, verdadeiro saturnino, serias fiel. Onde vais? Que queres? Nossas cinco Luas são menos errantes e nosso anel é menos mutável. Está tudo acabado. A ninguém mais hei de amar”. O filósofo abraçou-a e chorou com ela, apesar de ser filósofo; e a dama depois de ter desmaiado, consolou-se com um peralvilho qualquer que encontrou. Entretanto partiram os dois curiosos; saltaram primeiro a um dos anéis, que verificaram ser bastante achatado, como adivinhou um ilustre habitante do nosso pequeno globo; daí passaram facilmente de Lua em Lua. Um cometa viajava perto da última e eles o apanharam, com todos os seus criados e a bagagem. Depois de fazerem cerca de

cento e cinquenta milhões de léguas, encontraram os satélites de Júpiter. Chegaram até Júpiter onde permaneceram um ano, durante o qual descobriram alguns belos segredos, que estariam agora publicados se os senhores inquisidores não tivessem achado um pouco inconvenientes algumas proposições. Mas eu tive ocasião de ler o manuscrito na biblioteca de ilustre arcebispo de... que me permitiu ver seus livros com uma generosidade e uma bondade nunca assaz louvadas.

Voltemos porém aos viajantes. Deixando Júpiter, atravessaram um espaço de mais ou menos cem milhões de léguas, e passaram ao lado do planeta Marte que como se sabe, é cinco vezes menor que o nosso globozinho: viram duas Luas que servem esse planeta e que escaparam aos olhos dos nossos astrônomos. Sei que o Padre Castel escreverá, bastante agradavelmente, aliás, contra a existência dessas duas Luas, mas apelo para os que raciocinam por analogia. Esses bons filósofos sabem quanto seria difícil que Marte, tão longe do Sol, pudesse passar com menos de duas Luas. Seja como for, os nossos viajantes acharam tão pequeno esse planeta que receram não encontrar nele lugar suficiente para se deitarem, e assim passaram adiante, como quem despreza uma estalagem de aldeia e vai em busca da cidade vizinha. Mas o habitante de Sírio e seu companheiro arrependeram-se logo. Caminharam muito e nada acharam. Divisaram enfim uma pequena claridade: era a Terra, que os encheu de comiseração a eles que vinham de Júpiter. Entretanto, não querendo arrepende-se mais uma vez, resolveram desembarcar. Passaram para a cauda do cometa e, achando a propósito uma aurora boreal, puseram-se dentro e chegaram à Terra na margem setentrional do mar Báltico, a 5 de julho de 1737, data contada à maneira moderna.

## CAPÍTULO IV

### O QUE LHES ACONTECEU NO GLOBO TERRESTRE

Depois de descansarem um pouco, comeram duas montanhas que seus criados lhes prepararam à guisa de almoço. Quiseram então reconhecer a região em que se encontravam. Caminharam primeiro de norte a sul. O passo ordinário do habitante de Sírio era de cerca de trinta mil pés reais; o anão de Saturno, cuja altura não passava de mil toesas, acompanhava-o de longe, esbofado, porque tinha de dar doze passos para avançar o que o outro fazia com uma pernada. Mal comparando, eram como um capitão da guarda do rei da Prússia seguido de seu cachorrinho.

Os viajantes caminhavam bastante rapidamente e fizeram o giro da Terra em trinta e seis horas; o Sol, ou melhor a Terra, em verdade, faz o mesmo giro em um dia; mas é preciso lembrar que é muito mais fácil girar sobre um eixo que andar à pé. Ei-los, pois, de volta ao ponto de partida, depois de terem passado sobre esse outro pequeno tanque que rodeia uma colinazinha, a que damos o nome de Grande Oceano. O anão tinha a água no máximo ao meio da perna, ao passo que o outro mal havia molhado os pés. Fizeram o que foi possível andando de um lado para outro, a fim de verificar se esse, globo era habitado ou não. Abaixaram-se, deitaram, apalparam, mas suas mãos e seus olhos não eram adequados a percepção dos pequeninos seres que se arrastam aqui; não acharam o menor indício que pudesse levá-los a suspeitar que nós e nossos irmãos, habitantes de outras regiões do temos

a honra de existir.

O anão, que julgava às vezes um pouco precipitadamente, afirmou logo que a Terra era desabitada. A razão era que não tinha visto ninguém. Micrômegas mostrou-lhe delicadamente que estava raciocinando mal. “Com seus pequenos olhos, dizia, o senhor não é capaz de ver certas estrelas da quinquagésima grandeza que eu entretanto percebo distintamente; poderia concluir por isso que essas estrelas não existem? Mas, disse o anão, eu apalpei bem. - Mas é possível que o senhor não tenha o tato bem desenvolvido respondeu o outro. - Porém, obtemperou o anão, este globo é tão mal construído, de formas tão irregulares, que parece bem ridículo! Tudo é caótico; veja esses fios de água, nenhum deles em linha reta, esses tanques que não são nem redondos, nem quadrados, nem ovais, que não têm nenhuma forma regular, enfim; veja essas pequenas protuberâncias pontiagudas que me escalavraram os pés (falava das montanhas). Noto ainda a forma do globo; como é achatado nos pólos, como gira em torno do Sol de um modo inconveniente, de jeito que os climas nos pólos são necessariamente impróprios a qualquer cultura. Na verdade, o que me leva a supor que não há viva alma nesta esfera é que gente de bom senso não permaneceria num lugar tão desagradável. - Pode muito bem ser, disse Micrômegas, que os seus habitantes não sejam, de fato, gente sensata. Mas duvido que isto não tenha alguma utilidade. Tudo parece irregular aqui, porque em Júpiter e Saturno tudo é feito a régua e é também por isso que aqui tudo parece um pouco confuso. Não lhe disse que em minhas viagens sempre notei a variedade das coisas?” O saturnino respondeu a todas essas razões e a discussão não acabaria, se por felicidade Micrômegas, exaltando-se um pouco no falar, não tivesse arrebatado seu colar de diamantes. Os diamantes caíram; eram pequenas pedras, muito bonitas, mas bastante desiguais, pesando as maiores umas quatrocentas libras e as menores cerca de cinquenta. O anão apanhou algumas, e percebeu que esses diamantes pela forma da sua lapidação, constituíam excelentes microscópio. Tomou, pois, um pequeno microscópio de cento e sessenta pés. Eram eficientes, mas a princípio nada viram com auxílio deles, importava ajustá-los. Enfim o habitante de Saturno viu algo quase imperceptível a mover-se sobre a água, no mar Báltico; era uma baleia. Ele a tomou com o dedo mínimo, com muito jeito, pô-la sobre a unha de seu polegar e a mostrou ao companheiro, que se pôs a rir da pequenez dos habitantes do nosso globo. O saturnino convencido agora que o nosso mundo era habitado, supôs então que o era só por baleias; e como fosse muito excogitador, quis saber qual a origem desse pequenino átomo de vida, donde tirava ele o seu movimento, se tinha idéias, vontade, liberdade. Micrômegas ficou muito embaraçado; examinou pacientemente o animal e o resultado do exame foi que não era possível crer que tal corpo alojasse uma alma. Os dois viajantes inclinavam-se, pois, a admitir que não existia em nosso globo qualquer manifestação de inteligência, quando com o auxílio do microscópio perceberam algo do tamanho de uma baleia que boiava no mar Báltico. Sabe-se que por esse tempo um bando de filósofos voltava do círculo polar, ao qual tinham ido para fazer certas observações, das quais ninguém tomara conhecimento até então. Os jornais noticiaram que o barco naufragara no golfo da Bótnia e que os filósofos se salvaram com dificuldade; mas neste mundo nunca se conhece o reverso dos acontecimentos. Vou contar como a coisa se passou com

toda a simplicidade, sem nada acrescentar de meu o que não deixa de ser um grande esforço para um historiador.

## CAPÍTULO V

### EXPERIÊNCIAS E REFLEXÕES DOS DOIS VIAJANTES

Micrômegas levou a mão, com muita cautela, ao lugar onde aparecia o objeto; estendeu depois dois dedos, mas retirou-os logo, temendo não acertar; afinal abrindo-os e fechando-os conseguiu apanhar, com grande destreza, o navio que transportava os referidos senhores, e o pôs sobre, a unha, bem devagar, a fim de não esmagá-lo. “Eis um animal bastante diferente do primeiro, disse o anão e Saturno; o de Sírio pôs o pretenso animal na concha de sua mão. Os passageiros e a tripulação julgaram-se arrebatados por algum furacão, pensaram ter dado sobre um rochedo e puseram-se em movimento. Os marinheiros pegam tonéis de vinho, atiram-nos sobre a mão de Micrômegas o precipitam-se em seguida. Os geômetras apanham seus quadrantes, seus setores, duas jovens lapônias e descem sobre os dedos do habitante de Sírio. E tanto se agitaram que afinal ele sentiu algo que se mexia e lho fazia cócegas; era uma bengala ferrada que lhe enterravam no índex, à profundidade de um pé; ao sentir essa picada concluiu que alguma coisa saíra do animalzinho que segurava; mas a princípio de nada mais suspeitou. O microscópio que apenas dava para enxergar uma baleia e um navio, não lhe permitia distinguir um ser tão minúsculo como o homem. Não quero aqui ferir a vaidade de ninguém, mas peço às pessoas importantes que façam uma pequena observação comigo: é que sendo em média a altura dos homens cinco pés, não fazemos sobre a superfície da Terra figura maior do que um animal da altura da sexcentésima milésima parte de uma polegada sobre uma bola de dez pés de diâmetro. Que se pense em um ser capaz de segurar o globo da Terra em sua mão e que tivesse órgãos proporcionais aos nossos (e é possível que haja um grande número de seres desses) e conceba-se peço, o que tais seres pensariam das batalhas em que o vencedor conquista uma aldeia para perdê-la logo em seguida.

Se por acaso algum capitão de granadeiros vier a ler esta obra, não duvido que queira aumentar de dois pés ao menos a altura dos bonés de sua tropa; advirto, entretanto, de que por mais que façam, ele e os seus não deixarão de ser infinitamente pequenos.

Que habilidade maravilhosa não foi necessária para que o nosso filósofo de Sírio viesse a perceber esses átomos de que acabo de falar? Quando Leuwenhoeck e Hartsoecker viram ou julgaram ver pela primeira vez os elementos de que somos formados, não fizeram na realidade tão grande descoberta. Que prazer sentia Micrômegas vendo mover-se essas maquinazinhas, e examinando as voltas que davam, e seguindo todas as suas operações! Que exclamações soltou! Com que pressa pôs um dos seus microscópios nas mãos do companheiro de viagem! “Estou vendo; diziam ambos ao mesmo tempo; olhe como carregam fardos como se abaixam e se levantam!” E assim falando as mãos lhes tremiam do prazer de contemplarem seres tão diferentes, e do receio de perde-los. O saturnino, passando de um excesso de desconfiança a um excesso de credulidade, julgou perceber que

trabalhavam na própria propagação. “Ah! dizia, surpreendi a natureza com a boca na botija!” Entretanto iludia-se com as aparências o que freqüentemente acontece tanto aos que se servem do microscópio, como aos que dele não se servem.

## CAPÍTULO VI

### O QUE LHES ACONTECEU ENTRE OS HOMENS

Micrômegas, muito mais observador do que o anão, viu claramente que os átomos falavam uns aos outros; chamou a atenção do seu companheiro que, envergonhado de se ter iludido quanto ao assunto da reprodução, não queria admitir que tais espécies pudessem comunicar suas idéias. Ele, como o seu amigo de Sírio, tinha capacidade para as línguas, mas não ouvia a voz dos átomos e supunha que não soubessem falar; aliás, como poderiam ter órgãos vocais esses seres imperceptíveis, e que teriam eles a dizer uns aos outros? Para falar é preciso pensar, ao que parece; mas se eles pensassem é que possuíam algo equiparável à alma: ora, atribuir alma a essa espécie era coisa que lhe parecia absurda. “Mas, disse o de Sírio, o senhor ainda agora estava pensando que eles praticavam o amor; crê que se possa fazer isso sem pensar e sem proferir alguma palavra, ou ao menos sem um entendimento mútuo? Supõe que seja mais difícil produzir um argumento que um filho? Por mim, julgo que grande mistério encerra tanto uma coisa como a outra. - Não ousou mais nem admitir nem negar, disse o anão, não tenho opinião formada; examinemos os insetos e depois meditaremos”. - “Muito bem, respondeu Micrômegas; e pegou numa tesoura com a qual cortou as unhas. Com uma apar de unha do seu polegar fabricou uma espécie de trombeta falante, como um vasto funil o meteu a ponta do tubo no próprio ouvido. A circunferência do funil envolvia o navio e toda a tripulação. A voz mais fraca entrava nas fibras circulares da unha, de sorte que, graças à sua habilidade, o filósofo lá de cima ouviu o murmúrio dos insetos que vinha debaixo. Em poucas horas conseguiu distinguir as palavras e enfim compreendeu o francês. O anão o conseguiu também, ainda que com mais dificuldade. O espanto dos viajantes redobrava a cada instante. Ouviam os bichinhos a conversar mui sensatamente e esse brinquedo da natureza lhes parecia inexplicável. É bem de ver que o habitante de Sírio e seu companheiro ardiam de vontade de travar conversações com as minúsculas criaturas; o anão temia que sua voz de trovão, e principalmente a de Micrômegas, ensurdescesse os bichinhos sem ser entendida. Era preciso diminuir a força. Meteram na boca uma espécie de pequenos palitos, cujas pontas muito afiadas vinham terminar perto do navio. O de Sírio pôs o anão sobre seus joelhos, e o navio com a tripulação sobre a unha; abaixava então a cabeça e falava baixo. Com essas precauções e outros mais, começou então o seu discurso:

“Insetos invisíveis a que a mão do Criador se compraz em dar vida nos abismos do infinitamente pequeno; rendo-lhe graças porque se dignou descobrir-me segredos que pareciam impenetráveis. Na côrte em que vivo ninguém decerto se importaria convosco, mas eu não desprezo criatura alguma e ofereço-vos a minha proteção”.

Se já houve quem ficasse verdadeiramente espantado, foram as pessoas que

ouviram essas palavras. Não podiam adivinhar donde vinham. O capelão do navio recitou exorcismos, os marinheiros praguejaram, e os filósofos do barco construíram sistemas; mas por mais sistemas que fizessem não podiam perceber quem lhes falava. O anão de Saturno que tinha uma voz mais branda do que Micrômegas, informou-os então, em poucas palavras, sobre as espécies com as quais estavam lidando. Contou-lhes a viagem que fizeram, disse-lhes quem era Micrômegas, e depois de lamentar que fossem tão pequenos, perguntou-lhes se tinham vivido sempre nesse miserável estado tão vizinho do aniquilamento; indagou do que faziam num globo que parecia dominado pelas baleias; quis saber se eram felizes, se se multiplicavam, se tinham alma e cem outras coisas desse gênero.

Um argumentador do bando, mais ousado que os outros, indignado com quem duvidava da sua alma, observou o interlocutor com umas pínulas ajustadas a um quadrante, tomou duas posições, e na terceira assim falou: “Meu caro senhor julga que pelo fato de ter mil toesas dos pés à cabeça, é um... - Mil toesas! exclamou o anão; céus! como pode ele saber a minha altura? Mil toesas! Não faz erro de uma polegada! Vejam só! Esse átomo medindo-me a mim! É um geômetra, sabe o meu tamanho, ao passo que eu, que só posso vê-lo pelo microscópio, ainda não sei o dele! - Sim, disse o físico, tomei sua altura e poderei medir também a do seu companheiro”. A proposta foi aceita; Sua Excelência estendeu-se a fio comprido, porque de pé a cabeça ficaria muito acima das nuvens. Os nossos filósofos plantaram-lhe uma grande árvore em um lugar cujo nome o Dr. Swift não hesitaria em dizer mas que eu por mim recuso denominar pelo grande respeito que me inspiram as damas. Depois, por uma série de triângulos, concluíram que aquilo que viam era com efeito um jovem de cento e vinte mil pés de comprimento.

Então Micrômegas pronunciou estas palavras:

“Agora mais que nunca vejo que não se pode julgar coisa alguma pelo tamanho. Ó Deus! Deste inteligência a substâncias que parecem tão desprezíveis; o infinitamente pequeno merece tanto como o infinitamente grande; e se é possível que haja seres ainda menores que estes, podem eles também ter um espírito superior ao desses soberbos animais que vi nos céus, cujo pé bastava só por si para cobrir o globo em que me acho!”.

Um dos filósofos respondeu-lhe que há com efeito seres inteligentes muito menores que o homem. Contou-lhe, não tudo o que Virgílio disse de fabuloso sobre as abelhas, mas o que Swammerdam descobriu e Réaumur dissecou. E falou-lhe por fim de animais que estão para as abelhas como as abelhas estão para o homem; ou o que o habitante de Sírio mesmo era para esses animais tão grandes de que falava, e o que estes, por sua vez, eram para outros ainda maiores ante os quais parecem átomos também. Pouco a pouco a conversação tornou-se interessante e Micrômegas assim falou:

## CAPÍTULO VII

### CONVERSA COM OS HOMENS

“Ó átomos inteligentes, em quem aprove ao Ser Eterno manifestar sua sabedoria e poder, deveis sem dúvida experimentar as mais puras alegrias em vosso

globo; porque tendo tão pouca matéria, parecendo puro espírito, passais certamente a vida a amar e a pensar; é nisso que consiste a verdadeira espiritualidade. Nunca encontrei em parte alguma, a verdadeira felicidade, mas sem dúvida aqui a encontrarei”. A essas palavras todos os filósofos sacudiram a cabeça; um deles mais franco que os outros confessou de boa fé que, à exceção de um pequeno número de habitantes, mui pouco estimados, todos eram um conjunto de loucos, malvados e infelizes. “Temos matéria mais que suficiente para causar-nos muito mal, se é que o mal vem da matéria; e espírito demais também, se é que o mal vem o espírito. Saberá o senhor que no momento mesmo em que lhe falo, há cem mil loucos da nossa espécie, que usam chapéu, a assassinar cem mil outros animais, que usam turbante, (a assassinar ou a serem assassinados); e que na Terra inteira é isso que se vê desde tempos imemoriais?” O habitante de Sírio estremeceu e perguntou qual poderia ser a causa e tão terríveis lutas entre animais tão mesquinhos. Trata-se, respondeu o filósofo, de algum monte de lama do tamanho do seu calcanhar. Não que nenhum desses milhões que mutuamente se degolam pretendam uma migalha qualquer desse monte de lama. A questão é de decidir se o mesmo pertencerá a um dado homem que se chama Sultão ou a um outro que, não sei por que, se chama César. Nem um nem outro jamais viu nem verá esse pedacinho de terra e, desses animais que se chacinam, poucos são os que já viram alguma vez a pessoa pela qual se matam.

- Ah! Infelizes! Exclamou o de Sírio, com indignação, como se pode conceber tal excesso de ódio! Tenho ganas de dar três passos e esmagar com os pés, em três tempos esse formigueiro de ridículos assassinos! - Não vale a pena, lhe responderam; eles já trabalham suficientemente para sua ruína. No fim de dez anos não restará mais que a centésima parte desses miseráveis; mesmo que não usassem a espada, a fome, a fadiga e a intemperança destruiriam quase todos. Aliás não são eles que merecem castigo, mas esses bárbaros sedentários que no fundo de seus gabinetes, enquanto fazem a digestão, ordenam o massacre de um milhão de homens, e em seguida, solenemente, mandam render graças a Deus.” O viajante sentia-se tomado de compaixão pela pequena raça dos humanos, na qual encontrava tão espantosos contrastes. “Visto que pertenceis ao pequeno número dos prudentes, disse ele aos filósofos, e que, ao que parece não matais ninguém pelo dinheiro, digei-me, peço-vos, em que vos ocupais. - Nós dissecamos moscas, medimos linhas, reunimos números; estamos de acordo sobre duas ou três coisas que entendemos e discutimos duas ou três mil que não entendemos”. Ocorreu-lhes então, ao de Sírio e ao saturnino, a idéia de interrogar os átomos pensantes sobre os pontos em que concordavam. “Em quanto calculais a distância da Canícula à grande estrela dos Gêmeos?” Eles responderam todos ao mesmo tempo: “Trinta e dois graus e meio. - Qual a distância da Terra à Lua? - Em números redondos, sessenta meios diâmetros da Terra. - Quanto pesa a vossa atmosfera? Pensava atrapalhá-los com tal pergunta, mas todos lhe disseram que o ar pesa cerca de novecentas vezes menos que um volume igual da água mais leve, e dezenove mil vezes menos que o ouro amoadado. O anãozinho de Saturno, admirado de suas respostas, esteve, a ponto de tomar por feiticeiros os próprios que um quarto de hora antes não queria crer tivessem alma.

Enfim Micrômegas lhes disse: “Visto que sabeis tão bem o que se acha fora de vós, sem dúvida conheceis melhor o que existe dentro. Dizei-me o que é a vossa alma, como formais as idéias”. Os filósofos falavam todos ao mesmo tempo como antes; mas cada qual tinha uma opinião. O mais velho citava Aristóteles, outro pronunciava o nome de Descartes, este o de Leibniz, aquele o de Malebranche, um outro o de Locke. Um velho peripatético disse bem alto e com confiança: “A alma é uma inteligência e uma razão pela qual ela tem o poder de ser o que é. É o que declara expressamente Aristóteles, à página 633 da edição do Louvre”. E citou a passagem. “Não entendo muito bem o grego, disse o gigante. - Nem eu tampouco, disse a traça filosófica. - Por que então cita em grego esse tal Aristóteles? - Porque é preciso dizer que o não se compreende numa língua que ainda menos se entende; disse o sábio”.

O cartesiano tomou a palavra e disse: “A alma é o espírito puro que recebeu no ventre materno todas as idéias metafísicas e que, saindo desse lugar, tem de ir à escola aprender de novo, o que sabia tão bem e não conseguirá saber nunca mais. - De que vale, disse o animal de oito léguas, que tua alma seja tão sábia no ventre materno, se vens a ser tão ignorante quanto tens barba no queixo? Mas que entendes por espírito? - Que me pergunta? disse o argumentador; não faço a menor idéia; dizem que não é matéria. - Mas sabes ao menos o que é a matéria? - Muito bem, respondeu-lhe o homem. Por exemplo, esta pedra é cinzenta, tem uma certa forma e três dimensões; é pesada e divisível. - Pois bem, respondeu o de Sírio, o que é essa coisa que te parece divisível, pesada e cinzenta? Vês alguns atributos, mas quero saber se conheces o fundo das coisas. Podes dizer-me? - Não, disse o outro. - Não sabes então, o que é a matéria”.

Micrômegas dirigiu-se em seguida a um outro sábio que estava em cima do seu polegar, perguntou-lhe o que era a sua alma e o que ela fazia. “Nada, disse o filósofo malebranchiano; é Deus que faz tudo por mim; tudo vejo nele, e nele é que faço tudo; é ele quem tudo faz, sem que me intrometa. - Se assim é, tanto vale existir como não, respondeu o sábio de Sírio. - E tu, meu amigo, disse a um leibniziano, dize-me o que pensas de tua alma. - É um ponteiro que marca as horas enquanto o meu corpo faz o papel de relógio, ou então minha alma é um espelho do universo e o meu corpo é a moldura desse espelho; tudo isso é claro”.

Um pequeno adepto de Locke estava ali perto, e quando afinal lhe dirigiram a palavra, disse: “Não sei como penso, mas sei que nunca pensei sem o auxílio dos meus sentidos. Que haja substâncias imateriais e inteligentes, não duvido: mas duvido muito que seja impossível a Deus comunicar pensamento à matéria. Reverencio o poder eterno, não me toca traçar-lhe limites: nada afirmo, contento-me de pensar que há muito mais coisas possíveis do que se pensa. O animal de Sírio sorriu; pareceu-lhe que não era esse o menos sábio, e o anão de Saturno teria abraçado o sectário de Locke, se não fosse a extrema desproporção dos respectivos corpos. Mas havia também, por infelicidade, um animalzinho de boné quadrado que cortou a palavra a todos os outros animais filósofos; disse que conhecia todo o segredo, que tudo se encontrava na “Suma” de São Tomás; olhou de alto a baixo os dois habitantes do céu; asseverou que suas pessoas, os mundos que habitavam, o seu Sol e suas estrelas, tudo era feito exclusivamente para o homem. Ao ouvirem

essas palavras, os dois viajantes quase sufocaram de tanto rir, desse riso incoercível que, no dizer de Homero, é privilégio dos deuses; suas espáduas e seus ventres suspendiam e baixavam e, nessas convulsões, o navio que o habitante de Sírio tinha sobre a sua unha caiu em um bolso das calças do saturnino. Os dois bons tipos procuraram-no por muito tempo; por fim o encontraram e o arranjaram de novo muito bem. O habitante de Sírio tornou a pegar nos bichinhos, falou-lhes ainda com muita bondade, apesar de estar, no fundo do coração, meio zangado de ver o orgulho infinitamente grande de seres que eram infinitamente pequenos. Prometeu-lhes um bonito livro de filosofia escrito com letras bem pequenas, adequadas à sua vista, em que encontrariam a essência das coisas.

Efetivamente, antes de partir deu-lhes o livro: levaram-no para Paris, à Academia de Ciências; mas quando o velho secretário o abriu, verificou que o mesmo estava em branco do princípio ao fim. “Ah! disse ele, eu bem que o suspeitava”.